A PRAIA DE S. JACINTO

ALBANO FERREIRA SIMÕES

SÓ à guisa de lembrança para aqueles que, sendo da região, a esquecem, S. Jacinto é uma das freguesias do concelho de Aveiro, também conhecida por «terras de Nossa Senhora das Areias» e a única praia concelhia que dispunha de um extenso areal, límpido, onde as dunas junto ao mar, com os seus juncos (estormo), os seus «carneirinhos» e «deiugas» lhe fixavam os contornos e proporcionavam, mesmo com as pequenas «nortadas», o deleite e a recuperação dos carecidos de banhos de sol e não só.

Para além desse maravilhoso areal ao longo da praia, talvez mesmo o mais extenso de toda a costa portuguesa, dispõe ainda do recurso à Mata Nacional, onde as famílias que pretendem descontrair-se do seu quotidiano, levam e comem os farnéis, especialmente no Verão, não falando já na «sua» ria.

com todos os requintes de beleza que deslumbram a vista e permitem que os pescadores desportivos «apanhem» os robalitos e solhas que os anzóis das linhas das suas canas conseguem prender. Que os curiosos pelas boas e recatadas paisagens o observem desde a Pousada do Muranzel até S. Jacinto, inflectindo depois pela estrada municipal em direcção ao mar, naqueles dias em que se não deve ficar no aconchego do lar ou em qualquer «matinée».

Mas S. Jacinto, apesar de ser, como se disse, a única praia do concelho, é também a ETERNA ESQUECIDA, embora disponha de uma paisagem atraente, variada e rara, apreciada por nacionais e estrangeiros que a visitam, está adormecida pela ingratidão a que os poderes públicos a têm votado. Dispondo, como dispunha, de uma praia com um areal ímpar, onde as dunas convidavam a um sono recuperador, com a total ausência de ruídos, tem hoje esse seu areal devassado, conspurcado e em parte impróprio de utilização, com ruídos ensurdecedores provocados pelas máquinas que ali mesmo na sua frente se dedicam à extracção e carregamento de areias, desde muito cedo até ao longo cair da noite.

Não se pretende pôr em causa a imperiosa necessidade da retirada das areias destinadas à construção civil e até se reconhece a vantagem dessa retirada de areias, sem que isso e ao contrário daquilo que se possa afirmar em relação à origem dos precalços sofridos pelas praias

Continua na página 3

«CATEDRAL DE AVEIRO»

Com o título aqui em epígrafe, e o subtítulo «História e Arte», acaba de ser editado um valiosíssimo trabalho da autoria do distinto e fecundo polígrafo P.e João Gonçalves Gaspar — que, tantas vezes, tem generosamente distinguido as páginas do «Litoral» com a sua preciosa colaboração.

É o décimo oitavo tema da vasta bibliografia do autorizado autor — quase toda ela voltada para personalidades e fastos aveirenses.

O presente trabalho, cuidadosamente documentado e primorosamente ilustrado, merecer-nos-á mais ampla (e merecida) referência, o que faremos, com o devido relevo, num dos nossos próximos números.

AVEIRO, 17 DE NOVEMBRO DE 1978 — ANO XXV — N.º 1224

Litoral

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 4$00

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

Uma campanha
Um assassinato
UM JULGAMENTO

COSTA E MELO

SEM ter esquecido os momentos altos da campanha eleitoral que pela mão de António Sérgio trouxe, para a ribalta activa, um recuperado cidadão sem medo que até era General e tinha servido Salazar, o facto de ultimamente ter voltado a ser agitado o nome de Humberto Delgado, impeliu-me para alguns comentários sobre essa jornada cívica que foi a campanha, sobre esse crime hediondo que foi o assassinato e sobre esse acto de justiça que se julga poder vir a ser o julgamento em curso.

A campanha que acompanhei e à qual dei o que tinha para dar — e pouco foi por não ser capaz de mais — representou atempada chibatada no marasmo de um povo narcotizado e no lombo de um regime narcotizante. Porque a vivi não me custa afirmar o quanto Humberto Delgado serviu a causa que até pouco antes não era a sua.

A escolha do candidato tinha sido perfeita — não fosse ela saída da visão e da inteligência de um Sérgio — e atrevo-me mesmo a afirmar que a circunstância do chicote que Delgado foi, ter saído da pele que iria açoitar, se tornou decisiva para o sucesso real obtido.

Era o grito simples da denúncia do rei nu, correspon-

Continua na página 7

EDUCAÇÃO CÍVICA

CUNHA AMARAL

SE alguns dos aspectos da crise que envolve o povo português são reflexos da crise geral da sociedade contemporânea, outros há que são especificamente do nosso povo. Quem quer que seja que se dê ao trabalho de observar o que se passa à sua volta, não deixará de verificar que o civismo dos portugueses atingiu um nível muito baixo.

Esta crise de educação cívica não deixará, certamente, de dificultar a nossa convivência com outras comunidades nacionais, onde o civismo é uma realidade na prática do dia-a-dia. Reparemos, por exemplo, na falta de limpeza das nossas cidades; não é necessário irmos a Lisboa ou ao Porto, para vermos lixo abundantemente

Continua na página 3

CARTAS SEM SELO

Meu velho Zé Machado

Correu porreirinha, na paz do Senhor, a nossa viagem de regresso a penates. Nasceu-nos uma alma nova assim que exergámos a chaminé do palácio — tantas eram as saudades. Passámos convosco um dia delicioso, daqueles que encanta recordar. Dá por nós um chi à Eyssette — que bem haja pela afectuosa hospitalidade.

Já lá vão uns meses, mas lembras-te com certeza: — caturrávamos a respeito das grandezas e misérias do turismo na altura que tocou a destroçar. Mais exactamente, amaldiçoávamos em coro essa calamidade chamada «sa'son» — que eu traduzo por razia — e a inflação desencabrestada, em fúria, que nessa quadra chamusca por igual indígenas e forasteiros. Por via dela, das queimaduras que provocou, é que a Cecília proclama «urbi et orbi» que não volta a pôr os pés no Algarve, que prefere mil vezes esta santa terrinha, mesmo assim feiota, sensaborona como é. E eu dou um doce a quem conseguir desconvencê-la!

Por mal dos nossos pecados, meu velho Zé, essa balda inflacionista não é única, nem sequer é o mais abominável dos podres do turismo. Antes fosse: — curava-se. Tenho para mim que os filhos dos meus netos — e os netos dos teus filhos — hão-de catalogar o turismo no

Continua na página 3

Os aveirenses
NÃO AMAM A SUA TERRA...

AMARO NEVES

OS dedos duma só mão já não bastam para contar os anos que tenho de Aveiro. E, ao longo deles, muitas vezes, de todos os quadrantes políticos, tenho ouvido falar das grandes virtudes dos Aveirenses, das suas riquezas e potencialidades, das particularidades regionais, dum bairrismo que os une, os envaidece... o tal «aveirismo»!

Pura demagogia?! Insensatez?!

Não, o aveirense não é bairrista como querem os políticos, não tem o culto dos

Continua na página 6

EUCALIPTO e MACROBIÓTICA

ORLANDO DE OLIVEIRA

O argumento convenceu.

Quando um jovem adolescente, educado cristã e catolicamente por pais muito capazes, fez a sua crise religiosa, o pai lembrou-se de recorrer à jardinagem para resolver o problema.

Conversou com o filho e interrogou-o serenamente sobre a existência de Deus, a Obra da criação da Natureza, a compatibilidade entre a Fé e a Ciência, etc., etc.

Para o jovem, a obsessão era completa: Deus não existia e tudo o que se via era «obra do acaso».

O pai encaixou tudo sem pestanejar e, logo que chegou a altura própria, isolou-se e fez no jardim uma sementeira de plantas das que produziriam flores como as que o filho preferia. Passadas as semanas necessárias, despontaram as novas plantas e... (coisa de espantar!) elas desenhavam na terra a palavra José que era o nome do filho.

No reencontro dos dois personagens, o pai insistiu com o filho, a tentar convencê-lo de que aquilo fora «obra do acaso». Mas é claro que o filho não embarcou na sugestão; antes começou a sentir instalar-se a dúvida no seu espírito e transitou

Continua na página 3

O DEPUTADO — A inteligência, como riqueza pessoal que é, deverá pagar Imposto Complementar. Vou propor um projecto de lei na A.R.

O CÔNJUGE — Terás forte oposição da maioria... por causa das isenções!

SÍMBOLO DE AVEIRO NA VIDA

EDUARDO CERQUEIRA

NÃO quero afirmar que esta terra em crescimento, por proliferação autóctone e confluência de genes de múltiplas proveniências, que esta nossa Aveiro — e nossa, porque não me demito, por mais que sinta amarelecida imagem de álbum de passadistas evocações, de a considerar minha — fique empequenecida com o desaparecimento, de quando em quando, de uma qualquer de umas poucas pessoas que nela influiram no mais íntimo ou mais fundamente contribuiram para a caracterizar.

Porque as houve e cada vez mais vão rareando, e, ao mesmo tempo, escasseiam os que lhe tomem o testemunho para percorrer com o mesmo ardor bairrista, a mesma devoção operante, para as etapas subsequentes.

Não. Não fica mais pequena, no mensurável concreto. Na área, no número de domiciliados, no vulto, na actividade, nos bens materiais. Mas, quando uma dessas pessoas morre, fica menos aveirense, no que

Continua na página 3

REPRESENTOU AVEIRO NO PALCO

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz-se saber que, pelo Primeiro Juízo desta Comarca e Segunda Secção, correm éditos de trinta dias, citando a ré CACILDA DA GLÓRIA JESUS OLIVEIRA, casada, que residiu no Restaurante Gaivota, Esgueira, para, no prazo de dez dias, findo o dos éditos e contados da segunda e última publicação deste anúncio, contestar a Acção Sumária que lhe movem e a seu marido, os autores Maria de La-Salete Gonçalves Delgado, viúva, comerciante, de Eixo, e outros, com os fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra na Secretaria Judicial para lhe ser entregue quando procurado, e cujo pedido consiste em ser condenada, conjuntamente com o marido António da Silva Pavão, a pagar aos autores a quantia de 51.847$80, e juros, com custas e selos, sob pena de, não contestando, ser condenada no pedido.

Aveiro, 30 de Outubro de 1978.

O Juiz de Direito,

a) — *Francisco Silva Pereira*

O Escrivão de Direito,

a) — *António Miller Soares Ribeiro*

LITORAL - Aveiro, 17/11/78 — N.º 1224

Governante doméstica

— Precisa-se: disponível, saudável, boa apresentação, idade entre 45 e 55 anos. Para pequeno apartamento, moderno, bem apetrechado, de uma pessoa só. Carro próprio. Pouco serviço. Resposta ao telefone 23352, das 8 às 9 e das 21 às 23 horas.

VIVENDA

Moderna com jardim e quintal, situada na Praia da Barra (em frente à Assembleia). Informa telefone 22727.

CASA—VENDE-SE

Rua Direita, 54 a 58 - Aveiro com parte habitável devoluta e terreno para construção. Trata telef. 22322.

AVISO

Avisam-se as pessoas interessadas em obter ou concluir o Curso Geral dos Liceus (5.º ano), que os últimos exames deste curso realizar-se-ão em 1980, ou seja no fim do próximo ano lectivo. Se está interessado, informe-se no

EXTERNATO FERNÃO D'OLIVEIRA
Rua Coimbra, 21 (antiga Costeira)
Telef. 23390 — Aveiro

(Ciclo Preparatório, Curso Geral, Curso Complementar dos Liceus em regime nocturno intensivo, Ano Propedêutico).

Símbolo de Aveiro na vida, representou Aveiro no palco

Continuação da 1.ª página

o termo representa de mais intrinsecamente anímico, de deperecimento de uma ramificação de um tronco comum, onde correm as mesmas seivas genitrizes, e se contêm nuclearmente, identicamente exactos, os cromossomas de um clã a que o número dos componentes não reduz a singularidade.

Não fica mais pequena, mas de algum modo fica menos Aveiro, naquele sentido profundo e de inalienável apego em que a terra tem uma personalidade, uma alma colectiva, em que se integram congregadas e assimiladas parcelas unitárias, individuais, de que o espírito comunitário diferenciado e identificador é um somatório, ou uma expressão potencial e, reciprocamente, uma fonte inspiradora e um vínculo.

Todos sentimos, aliás, que Aveiro é, subvertida pelos que lhe dessoram com diversos plasmas, e usos, e propensões a estilos próprios, menos Aveiro, e cada vez uma terra como outra qualquer, que se esforça por proporcionar uma vida mais cómoda, tão cómoda como as das melhores terras, se possível.

Num momento do devir humano em que não somos de estar — que é o verdadeiro modo de ser de alguns — mas de perpassar, nunca quedos sem pensar na digressão imediata, no próprio lar, que já não tem lume que aqueça os corações e os prenda na terra, onde mal se podem lançar raízes firmes e fundas, isto de ser da terra natal vai-se tornando uma pieguice, que se esconde pelo que vai contendo de picaresco.

E quem diz da terra natal, claro que não exclui a terra de adopção, pela simpatia e adesão espontâneas ou pelo hábito provindo das ocupações quotidianas e rotineiras e a fixação da morada num mesmo local.

Ressalvar-se-ão neste indiferentismo bairrista certos movimentos de acendração emocional, consequentes das competições e das decisões incorrectas ou iníquas, ou de algum modo desapontadoras, que resultam de algumas frivolidades mais absorventes das predilecções actuais.

•

Um destes dias, senti-o — e muitos terão afinado comigo pelo mesmo diapasão de sentimental aveirismo, medularmente integrado.

Aveiro, que nós, por suspeitante radicação afectiva, vemos cercada por um diadema cintilante e de luz própria como uma estrela, perdeu um dos raios de mais intensa luminosidade dessa auréola. Senti-o e pensei-o. E não quero, e penso que não devo, e acho que não posso, calá-lo, sem trair uma obrigação cívica de cidadão desta terra, em que todos mais ou menos somos amnésicos, ou distraídos, ou desprezadores destes deveres de reconhecimento e preito.

Porque Aveiro, convictamente o assevero, com a morte da Rita da Costa — da «Rita Faneca», deixem-me dizer de preferência, sem o mais ténue vislumbre de sombrear a memória a que quero trazer o meu bruxuleante lume votivo, e pois que todos assim a chamávamos na mais familiar das simpatias, da camaradagem e da relevação de predicados — porque Aveiro, dizia, com esse falecimento, perdeu uma presença vivassíssima, uma voz do mais límpido timbre local, uma sacerdotiza sinceríssima do culto à sua e nossa terra, com um calor humano de devoção não sei se filial, se materno.

A Rita, genuína e vascularmente aveirense, provinha desse foco inextinto de identificação, dedicada e participante a Aveiro, que é a castiça, a típica Beira-Mar.

Nascera e permanecera inalteradamente dessa zona, onde se situa a mais prolífica fonte de glóbulos (de glóbulos e de seivas) que asseguram a continuidade hereditária, transmissível, e mais lidimamente, porventura representa a ancestralidade marcadamente aveirense. Nascera e conservara, por imperativos natos e por opção pessoal de cada momento, integral e irremovivelmente nessa e dessa parcela tão profundamente eivada de apego a esta terra, em que ainda não houve quem destruísse certos elementos fundamentais físicos e humanos. De recíproca osmose sentimental e caracterizadora com a gente que mais directamente, e ininterruptamente, sorve o ar salino da Ria e mais dilata o olhar até aos confins luminosos do desatravancado horizonte oceânico, que tem no ouvido, constante como nos búzios, e no comando dos usos tradicionais, o sino gárrulo de S. Gonçalinho, e as badaladas graves e compassadas do sino maior de S. Gonçalo.

Viera ao mundo e mantivera-se no mundo, solidária e harmonicamente, nessa parcela em que os habitantes, os que mais se podem tomar já como indígenas, porque, nem pestenenças nem as mais dolorosas vicissitudes, lhes fizeram desertar os antepassados, e onde se domiciliavam os marnotos, inexcedíveis em aprumo e esmero de trajo e de exteriorização de sóbrio bom gosto, nas procissões de maior decência e distinção, e rigor de orde-

Conclui na página 6

EDUCAÇÃO CÍVICA

Continuação da 1.ª página

espalhado nas ruas. Aveiro, que já foi uma cidade que primava pela sua esmerada limpeza, é hoje uma terra que, embora sem atingir os lugares cimeiros, não apresenta já aquelas características de impecável limpeza que a caracterizou.

E não se diga que isto é o resultado duma insuficiência dos Serviços encarregados da limpeza; sem excluir deficiências dos Serviços, que em toda a parte existem, cremos bem que os principais responsáveis por esta falta de asseio das nossas cidades e vilas, são os próprios munícipes. Com efeito, é frequente ver nas ruas embrulhos de lixo, feitos com papel de jornal. Mais ainda, encontramos muitos destes embrulhos ao domingo, distribuídos ao longo dos passeios de algumas ruas. Sabendo-se que ao domingo não há recolha de lixo, não será esta prática manifestamente inconveniente? É evidente que, quer os animais que buscam restos de comida, quer aqueles brincalhões inconscientes que se entretêm a dar pontapés no que encontram, facilmente destroem estes embrulhos, espalhando o lixo e assim dificultando a sua recolha na manhã seguinte.

Mas não só neste aspecto se revela a nossa pouca educação cívica; muitos outros se poderiam apontar. No Porto e em Lisboa, há passagens subterrâneas em locais onde o trânsito automóvel é muito intenso, e vedações nos passeios, que visam a encaminhar os peões para as referidas passagens. Pois embora estas passagens e vedações se destinem à protecção dos próprios peões, permitindo assim que o tráfego de veículos se processe mais rapidamente, sem a interrupção provocada pelos

Conclui na página 7

A PRAIA DE S. JACINTO

Continuação da 1.ª página

da Torreira e do Furadouro, deva ser tido como consequência negativa; mas já se tem de pôr em causa o desaforo e a indisciplina demonstrada pelos exploradores das areias, que a retiram sem a mínima coordenação, embora o possam fazer nas áreas previamente fixadas pela Capitania ou Junta Autónoma do Porto, mas que, segundo se julga ter sido assente, essa retirada de areias se deveria efectuar somente a partir de 200 metros para Sul da rotunda (no final da estrada municipal) o que não acontece, pois verificamos que no baixamar as máquinas trabalham no «enfiamento» dessa rotunda.

Por outro lado, existe ao longo do areal entulho disperso e outro servindo de «piso» para o acesso das camionetas até ao mar, isto para além das máquinas abrirem covas ou valas no baixamar a fim de retirarem a areia grossa (godo) o que constitui perigosa armadilha para os que se desloquem ao longo da praia e não saibam da existência dessas covas, quando são alagadas pela subida da maré. Portanto, são somos contrários à retirada das areias, mas não deixamos de registar o mais completo repúdio pelo abandono e falta de controlo a que está votada essa retirada.

Quando em 1974 umas três empresas (hoje serão mais de cinco) iniciaram ali a extracção de areias, uma comissão de habitantes de S. Jacinto teve uma reunião na Câmara Municipal de Aveiro, à qual estiveram presentes, para além do então Presidente da Comissão Administrativa dessa Câmara, o Director do Porto e Delegado da Junta Autónoma, Capitão do Porto, Presidente da Comissão Municipal de Turismo e ainda os representantes das empresas exploradoras, tendo nessa reunião ficado acordado e registado que aquelas empresas se comprometiam a construirem uma nova estrada a macadame, através da Mata Nacional, saindo da Estrada Nacional, a Norte dos Estaleiros e inflectiria depois ao longo das dunas, para o Sul, até próximo do molhe norte. Do mesmo modo os ditos representantes se comprometeram a procederem à limpeza de todo o entulho disperso pelo areal e uma vez construída a estrada, com bermas regularizadas, deixariam de utilizar a estrada municipal já muito danificada por a sua constituição não permitir o trânsito a camions caregados com areia.

Para além disso, foi ainda referido pela Junta Autónoma, que da taxa por si cobrada, parte dessa taxa (2$50 por m3) reverteria para a

Conclui na página 6

Eucalipto e Macrobiótica

Continuação da 1.ª página

calmamente, continuamente para a reconquista da posição de Crente.

De facto, nada há mais convincente da existência de Deus do que o exame e o estudo da Criação de animais, plantas, minerais, astros, sistemas e galáxias.

Ocorreu-me esta maneira simples e pobre, quase *franciscana*, de provar a existência de Deus, ao ler em «O Nosso Jornal» uma notícia subscrita por Vasco Correia Paixão e baseada em nota fornecida pela Ex.ma Senhora Dona Maria Leocádia Mascarenhas.

Analisadas as «Floras» de Pereira Coutinho, de Gonçalo Sampaio, de João do Amaral Franco e de Lawrence, conclui-se:

1.º — O género *Eucalyptus* tem uma carta cromossónica em que 2n=22;

2.º — Centrado na Austrália, as plantas que o representam são as árvores de grande porte e algumas até são das árvores mais altas de todo o mundo;

3.º — Produzem flores solitárias ou reunidas em cimeiras umbeliformes ou capituliformes;

4.º — As flores, sem sépalas, produzem pseudo-cápsulas deiscentes;

5.º — Produzem sementes minúsculas inumerosas.

São conhecidas cerca de 600 espécies deste género!

Fabulosa difusão!

Em Portugal (continental e insular) foram introduzidas cerca de 90 dessas espécies que se adaptaram aos nossos climas e terrenos sem problemas de maior.

Pois em Eixo, na Quinta de São Francisco, há indivíduos de 27 espécies diferentes, segundo as fontes já citadas, acontecendo que cada uma dessas espécies floresce em época apropriada. Foram elas escolhidas de modo a haver flores durante largo período do ano. Para quê? Para não faltarem pastos necessários à alimentação e ao trabalho das abelhas.

Aplicando ao caso a pedagogia inicialmente referida, concluimos não ser «obra do acaso» o aparecimento destas 27 espécies de eucaliptos na Quinta de São Francisco.

Não. Não foi o acaso. Os seus plantadores tiveram declaradamente a intenção de um objectivo agrícola. Escolheram as espécies que floriam em épocas sucessivas do ano e tinham uma meta a atingir: a exploração da apicultura.

Gostariam eles e seus familiares de se alimentar com mel? Há quem esteja em melhores condições do que eu para responder a esta pergunta, mas atrevo-me a dizer que sim.

Assim sendo, perguntaremos ainda: não estará aqui uma das razões pelas quais, tanto o Professor Júlio Henriques como o Dr. Jaime Lima ultrapassaram a vontade a média da duração de vida de então?

Respirando ares impregnados de eucaliptal e comendo mel, o Professor Júlio Henriques viveu até aos 90 anos e o Dr. Jaime Lima até aos 77. Não foram (e talvez fossem) propriamente uns macróbios, mas bem os podemos assim considerar.

Que relações poderemos encontrar entre esse facto, um possível regime alimentar com base no mel das «suas» abelhas e um constante respirar de ares tão aromatizados e salutares?

A Ciência ainda hoje não disse a última palavra sobre as propriedades biológicas e nutrientes do mel, tal e qual como também se desconhecem os «princípios biológicos» do óleo de fígado de bacalhau (não me refiro às vitaminas).

Por que se não hão-de lançar os investigadores da Universidade de Aveiro na senda de todos estes mistérios?

Continuemos a sonhar e a ver a Quinta de São Francisco integrada na Universidade e a casa de habitação lá existente adaptada a laboratórios de investigação.

ORLANDO DE OLIVEIRA

Cartas sem selo

Continuação da 1.ª página

lote das quatro ou cinco maiores trapaças deste século. Naturalmente que não estou a falar do turismo dos afonsinhos, estilo cama, mesa, roupa lavada e cavalgadura. É do turismo à moda no nosso tempo, sofisticado, de dimensão planetária; todo marketing e management; ubérrima teta de divisas bem besuntada de jogatina, sexo e outros libidos que tais, que já vence e não dispensa ministerial mungição. Numa palavra, falo daquele turismo a quem o fabuloso e avantajado Kahn, o das futurologices, já colou o rótulo de «a maior indústria do mundo» para daqui a uma dúzia de anos.

Atalhando razões, não aconteça ficar esta carta mais comprida que a légua da Póvoa: — cada vez que me ponho a cismar neste turismo à moda do nosso tempo, desemboco sempre na mesma ilação — seja a de que ele não passa de o mais dengoso modelo de colonização de que reza a história do mundo, a antiga e a moderna. Com colonizadores e colonizados, voracidade e humilhação, senhores e súbditos, opulência, miséria, astúcia, e traficância — em tudo igualzinho aos outros figurinos de colonização, só que de fachada gaiteira e maneiras puxavantes.

— Exagerado, eu? Quem dera!... Ou entenderás que não constitui sintoma de colonização, e bem dura, que a gentes de outros quadrantes e latitudes baste o que ganham numa semana para abancarem por cá um mês, com requintes de prodigalidade, enquanto que nós precisamos do que ganhamos num ano para passar uma semana na terra delas, nas encolhas? — E o turismo como salvatério para as nações economicamente enfezadas, apontado pelos pontífices do crescimento, que

Conclui na página 6

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	ALA
Sábado	AVEIRENSE
Domingo	AVENIDA
Segunda	SAÚDE
Terça	OUDINOT
Quarta	NETO
Quinta	MOURA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

22.ª Exposição de Pintura de JOSÉ MENDONÇA

Com variada temática — cerca de um terço sobre assuntos do nosso Distrito e, mais particularmente, da nossa Ria —, José Mendonça expõe, de 19 a 28 do corrente, na galeria do Porto de «O Primeiro de Janeiro», trinta das suas pinturas.

Será mais um êxito, assim o esperamos, do notável artista estarrejense — que conta por êxitos a sua participação em 22 exposições individuais e 9 colectivas.

Lembraremos que José Mendonça — que a nossa cidade bem conhece — está representado em vários países, designadamente no Japão, Suécia, Brasil, Holanda, América do Norte, Argentina e Alemanha.

JUVENTUDE CENTRISTA DE AVEIRO

Com data de 14 do corrente, e com o pedido de publicação, devidamente responsabilizado por inequívoca assinatura, foi-nos enviada, pelo Departamento da Opinião Pública da Comissão Executiva Distrital da Juventude Centrista de Aveiro, fotocópia da carta, datada de 13, endereçada ao Exmo. Sr. Presidente do Conselho Directivo da Escola Industrial e Comercial de Aveiro, a qual é do seguinte teor:

Os nossos melhores cumprimentos.

1 — A Comissão Executiva Distrital da Juventude Centrista de Aveiro, na preparação da reunião do Conselho Nacional da J.C., solicitou, telefonicamente, em 18-X-78, ao Conselho Directivo da E.I.C.A., Escola Industrial e Comercial de Aveiro, a cedência do ginásio do estabelecimento de ensino para a realização da referida reunião.

2 — O elemento do C.D. contactado afirmou, depois de prévia averiguação, que não havia possibilidades de cedência de instalações para fins político-partidários.

3 — O Conselho Nacional da Juventude Centrista realizou-se em Aveiro, nos dias 21 e 22 de Outubro.

4 — A Comissão Executiva Distrital da J.C. de Aveiro teve conhecimento de que se realizou no ginásio da E.I.C.A., em 12 do corrente, uma reunião político-partidária sob a responsabilidade da União Democrática Popular (U.D.P.).

5 — Ao ter conhecimento de tal facto, a C.E.D. da J.C. de Aveiro, vem, frente a V. Ex.ª, protestar energicamente contra a evidente dualidade de critérios apresentada, que em nada dignifica o C.D. a que V. Ex.ª preside.

6 — A Juventude Centrista sempre se bateu, e bate, pela Democracia, pela dignidade e pela honestidade, que norteiam a nossa organização e a Democracia Cristã, não podendo portanto ficar alheia, nem calada, perante factos que, não só contrariam os princípios morais e a dignidade do Povo português, como também da Juventude Centrista.

7 — A C.E.D. da J.C. de Aveiro vem exigir, por este meio, ao Conselho Directivo da Escola Industrial e Comercial de Aveiro, justificação pública sobre a atitude discriminatória e antidemocrática que nos prejudicou.

8 — A Juventude Centrista enviará esta carta-aberta, para divulgação, aos meios de Comunicação Social, assim como ao Exmo. Governador Civil do Distrito de Aveiro.

9 — Certos de que V. Ex.ª fará com que o Conselho Directivo opte por tomar medidas baseadas num único critério, e sem outro assunto, somos com toda a estima e consideração

De V. Ex.ª
Muito atentamente
Comissão Executiva Distrital da Juventude Centrista de Aveiro
(Dep. de Opinião Pública)
a) Carlos Barros

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO

AVISO

A Câmara Municipal de Aveiro faz público que deliberou pôr em arrematação os seguintes lotes de terreno destinados a construção, sitos na Zona Poente da Avenida 25 de Abril:

— Lote n.ºs 6, 7 e 8, com as áreas de 235 m², 390 m² e 330 m², respectivamente.

Para todos os lotes foi fixada a base de licitação de 800$00 por cada m² de pavimento de construção, sendo de 50$00 os respectivos lanços.

A praça realizar-se-á no próximo dia 30 de Novembro, pelas 21,30 horas, na Sala das Reuniões da Câmara Municipal.

As condições de arrematação encontram-se patentes na Secretaria e nos Serviços de Urbanização de Obras do Município, onde poderão ser consultadas dentro das horas de expediente.

Paços do Concelho de Aveiro, 13 de Novembro de 1978.

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL,
a) *José Girão Pereira*

Conferência Distrital da U. D. P.

Já o número transacto deste jornal circulava quando nos chegou às mãos a informação de que fora programada, para 12 do corrente, a Conferência Distrital da U.D.P., no ginásio da Escola Industrial e Comercial de Aveiro, com a seguinte Ordem de Trabalhos: análise da situação política; balanço e plano; eleição da Comissão Distrital.

Sem embargo da notícia ser tardia, não quisemos deixar sem registo o magno acontecimento político.

TERCEIRO ENCONTRO DISTRITAL DE QUADROS DA J. S.

Vai ter lugar em Aveiro, amanhã, 18, o Terceiro Encontro Distrital de Quadros da Juventude Socialista.

O Encontro, que se destina a preparar o III Congresso, abrirá com uma sessão em que participará Carlos Candal, deputado do PS, e terá a seguinte Ordem de Trabalhos: relatório da Comissão Nacional, análise das propostas de alteração aos Estatutos, propostas de plataforma de Acção Política, e Organização Interna.

Amanhã, inauguração do CENTRO DE BEM ESTAR INFANTIL DA VERA-CRUZ

Pelas 16 horas de amanhã, sábado, serão oficialmente inauguradas as novas instalações do Centro de Bem Estar Infantil da Vera-Cruz (Infantário e ABC), ao número 32 da Rua do Gravito.

Evocação do poeta ANTÓNIO ALEIXO

Com o pedido de publicação, recebemos da Comissão dinamizadora de «Perspectiva - Grupo de Acção Cultural de Aveiro» (em formação) o seguinte

COMUNICADO

Na passagem do 29.º aniversário (16 de Nov.º de 1949) sobre a morte do nosso poeta, inesquecível, popular António Aleixo, não pode a Perspectiva — Grupo de Acção Cultural de Aveiro (em formação) por este modo, deixar de recordar quanto trabalho poético o mesmo legou ao povo português.

António Aleixo, cauteleiro, guardador de rebanhos e cantor popular de feira em feira pelas redondezas de Loulé, é um caso singular, bem digno de atenção de quantos se interessam pela poesia popular.

A actualidade da mensagem de António Aleixo torna-se mais evidente nas novas condições da vida portuguesa. O poeta está, afinal, mais vivo hoje do que enquanto por este mundo andou, e por tal lhe reservamos lugar cimeiro de participante no processo de transformação do Portugal novo que todos nós desejamos socialmente mais justo do que aquele em que António Aleixo viveu e penou.

PERSPECTIVA — Grupo de Acção Cultural de Aveiro, que pretende vir a dinamizar diversas formas de cultura dirigidas aos trabalhadores, deixa já certo que guardará uma homenagem a António Aleixo na primeira realização cultural pública a realizar-se durante a primeira quinzena do próximo mês de Dezembro.

Aveiro, 13 de Novembro de 1978.

Já, felizmente, escancarado O COJO

Está escancarada a abertura, pelo lado Poente, do celebérrimo... e histórico Cojo (oportunamente, como prometemos, continuaremos a história-lo): as máquinas já arrasaram o velho casarão, que era tapume (incrível tapume) ao vasto terreiro.

Ali ficaram as poucas árvores que dão ao local frescura e cor — e oxalá possam permanecer. Enquanto ao banco datado: eram, quase todos os restos, de pobre argamassa; e a pedra com a data... levou sumiço!

Uma multidão de curiosos tem seguido as obras com interesse — e comenta-as com aplauso. Também fotógrafos as têm fixado em imagens (para a história?).

Qualquer que seja o futuro do local — e ele não poderá ter um qualquer futuro! —, a verdade é que, por ali, já se respira...

Gaudeamus!

CRIMINALIDADE E DILIGÊNCIAS PILICIAIS NA ZONA URBANA

Conforme informação do Comando Distrital de Aveiro da PSP, os aspectos mais característicos nos domínios criminais, bem como as actividades da diligente Corporação, na zona da cidade e referentes ao mês de Outubro, foram os seguintes:

1. Aspectos relativos à criminalidade:

a. Participações e queixas recebidas, 133.

Por furto de automóveis — 2 (350.000$00); Por furto de velocípedes — 4 (20.500$00); Por furtos diversos — 34 (530.955$00); Por agressão — 10; Por cheques sem cobertura — 1 (12.000$00); Diversas — 82.

b. Características:

Este período (OUTUBRO) foi caracterizado por um empolamento substancial das acções de furto e seus valores, em relação ao mês anterior. Continuam as habitações e as viaturas estacionadas na via pública (furtos do seu interior) a serem os alvos preferidos pelos marginais.

2. Aspectos relativos a actividade da PSP

a. Prisões efectuadas: Em flagrante — 12.

b. Valores recuperados: Automóveis — 3 (383.000$00); Diversos — (53.005$00).

c. Autuações efectuadas: Ao Código da Estrada — 163.

d. Autuações por infracções anti-económicas — 3.

e. Inquéritos preliminares (criminalidade) — 50.

f. Inquéritos preliminares (acid. de trânsito) — 27.

g. Processos relativos a armas, 3.

h. Horas de patrulhamento e ronda, 7520; Patrulhas apeadas, 6992; Patrulhas auto, 330; Sinaleiros, 198.

i. Características:

Apesar da acção desenvolvida, não foi possível a contenção das acções de furto, que empolaram neste período.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 17 — às 21.30 horas — Espectáculo de Bailado promovido pela Câmara Municipal de Aveiro (Programa especial).

Sábado, 18 e Domingo, 19 — às 15.30 e às 21.30 horas — GÉNESIS — Não aconselhável a menores de 13 anos.

— Cine-Teatro Avenida

Sexta-feira, 17 — às 21.30 horas — A DUQUESA E O VILÃO — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Sábado, 18 — às 15.30 e às 21.30 horas; e Domingo, 19 — às 15 e às 21.30 horas — A GRANDE AMEAÇA — Interdito a menores de 13 anos.

Domingo, 19 — Matinée clássica, às 17.30 horas — PAPILON — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Segunda-feira, 20 — às 21.30 horas — 25 ANOS DEPOIS — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Terça-feira, 21 — às 21.30 horas — CUIDADO COM A VÓVÓ — Não aconselhável a menores de 13 anos.

AGRADECIMENTO

JOSÉ RICARDO MAIA

Seu filho, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que acompanharam o seu ente querido, quer durante a doença, quer no funeral, vem por este meio, expressar a todos a sua profunda gratidão, pedindo desculpa por qualquer falta involuntariamente cometida.

Aveiro, Novembro de 1978.

APELJE

Em obediência às respectivas disposições estatutárias, a Comissão Directiva cessante da «Associação de Pais e Encarregados de Educação dos Alunos do Liceu de José Estêvão de Aveiro» (APELJE), apresentará, à Assembleia Geral Ordinária, marcada para 29 do corrente, conforme convocatória publicada noutro local deste semanário, a seguinte lista de gerências:

Me.a da Assembleia Geral — Presidente, Dr. António de Sousa Lamas; Vive-Presidente, Artur José Lopes Lobo; Secretários, Eng.º Carlos Alves Valente e António Miller Soares Ribeiro. *Comissão Directiva* — Presidente, Dr. Rogério da Silva Leitão; Tesoureiro, João Henrique Pinho dos Santos; Secretário, Abílio Mourão Martins; Vogais, João Carlos da Cunha Mortágua, Carlos Valentim Armada Sousa e Silva, Celso Augusto Baptista Santos e Celestino Rodrigues Pereira; Vogais (Suplentes), Germano Rodrigues Parente e Miguel Arcanjo Silva M. Calado. *Comis.ão de Contas* — Presidente, Dr. Henrique Teixeira de Barbosa Mendonça; Relator, D. Maria Liberta B. da Silva Pereira; Secretário, José de Oliveira Naia.

SEMÁFOROS... ...AGORA COM UTILIDADE

As tão reiteradas afirmações da inutilidade dos (hirtos e infuncionais) semáforos, na Ponte-Praça e redondezas, já não terão razão, dentro de pouco tempo, como se espera — e oxalá!

Já neste jornal se aventou a hipótese — que foi sugestão alheia mas inteligente — de que a Ponte de S. João, impunha a mudança para ali de semáforos... que acendessem; tal sugestão, ao que parece, foi bem aceite pela Edilidade aveirense. Outra sugestão, também nestas colunas reiterada, foi a Variante — zona onde os acidentes se multiplicam; pois semáforos irão para a Variante. E também para um não menos perigoso cruzamento na Rua de Eça de Queirós.

Esteve em Aveiro o COMANDANTE-GERAL DA G.N.R.

O Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana, General Passos Esmeriz, acompanhado do Segundo Comandante-Geral, Brigadeiro Elmano Rocha, visitou o aquartelamento da Companhia com sede nesta cidade.

Além do Comandante da unidade visitada, Capitão Fernando de Oliveira e Castro, aguardavam os distintos visitantes o Coronel Júlio Batel e o Tenente-Coronel Aires de Oliveira, comandantes, respectivamente, do Distrito de Recrutamento e do Batalhão de Infantaria de Aveiro.

Foi uma visita de trabalho, durante a qual, além do mais, os visitantes tomaram conhecimento da forma como decorreu a ultimação do alistamento de 130 novos elementos da G.N.R.

MOVIMENTO PORTUÁRIO

● Ao fim da manhã do dia 13, entrou a barra de Aveiro, acostando a uma das pontes-cais da zona portuária de pesca, na Gafanha da Nazaré, o bacalhoeiro «Vila do Conde», de que é armadora a firma Tavares, Mascarenhas, Neves & Vaz, Lda.

Procedente das águas da Terra Nova, aquele barco regressou com uma carga razoável que, todavia, não chegou para esgotar a capacidade dos respectivos porões.

● Anteontem, 15, entraram na nossa barra os navios «Adriana», holandês, «Ilka», alemão, e o bacalhoeiro «Bissaia Barreto», este provindo da Terra Nova, com aceitável carga de bacalhau. E saíram a barra: para Viana, o bacalhoeiro «Santa Isabel»; e, para o norte da Europa, os dinamarqueses «Nette Alto» (com adubo) e «Karen Frem» (com pasta de papel) e o panamiano «Lady Sophia» (com madeira).

● Através do porto de Aveiro, está a proceder-se ao escoamento de batata produzina região aveirense, com diversos destinos, designadamente Angola e Argélia.

Trata-se do início da concretização duma louvável iniciativa das Cooperativas Agrícolas, que nos merecerá mais detido relato.

DAR SANGUE
É UM DEVER

Evocação de BENTO DE JESUS CARAÇA

Na noite da pretérita quarta-feira, 14, em sessão que se realizou no anfiteatro da Universidade de Aveiro, foi evocada, pelo insigne escritor Mário Dionísio, a figura do homem e do cientista que foi Bento de Jesus Caraça.

A meritória homenagem foi promovida pelo Departamento de Geociências da nossa Universidade.

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DA FREGUESIA DA GLÓRIA

No salão cultural do Município, e no decurso duma reunião para o efeito convocada, foi eleita a Comissão Instaladora da Associação de Pais e Encarregados de Educação da Freguesia da Glória.

O Dr. Rogério Leitão, nosso distinto colaborador, que à causa tem dedicado o melhor do seu esforço e lúcida inteligência, explicou os objectivos da utilíssima instituição.

Lastimável e mortal ACIDENTE DE VIAÇÃO

O veículo pesado, de matrícula DA-56-21, conduzido pela comerciante Maria do Carmo Simões Pepino, residente em Mamodeiro, circulando, pelas 9.15 horas do dia 13 do corrente, pela Rua do Cónego Maio, na próxima freguesia de S. Bernardo, em direcção à cidade, colheu o menor João Manuel Pericão Bolais Mónica, de 13 anos, filho de Maria Madalena Dinis da Cruz Pericão e de Manuel Rodrigues Bolais Mónica.

A inditosa criança aguardava, na paragem dos autocarros, a chegada do transporte que a levasse à escola.

O acidente, ao que parece, foi causado por uma travagem que, desviando o pesado, provocou o esmagamento da vítima contra um muro.

FALECERAM

● **Com 72 anos de idade, faleceu, no dia 5 do corrente, o sr. Alfredo Martins de Sá, que, após missa na capela do Senhor das Barrocas, foi a sepultar, na tarde de 7, no Cemitério Sul.**

Antigo e devotado funcionário da Câmara Municipal de Aveiro, o saudoso extinto deixou viúva a sr.ª D. Teresa Lemos de Sá e era pai das sr.as D. Maria José de Lemos Ramires, D. Maria Odete Lemos de Sá Leite, D. Maria da Natividade de Lemos Sá Soares, D. Maria Joana Lemos de Sá Santos e D. Maria Adelaide Lemos de Sá e dos srs. Ulisses, Francisco, José Carlos, António, Manuel e Amílcar Lemos de Sá.

● **No dia 6, no estado de viúva do saudoso António Nunes de Oliveira, faleceu, no lugar de Santiago, onde residia, a sr.ª D. Carmina Martins Bastos.**

Contava 81 anos de idade a veneranda senhora; e era mãe da sr.ª D. Maria da Conceição Nunes de Oliveira e dos srs. António de Oliveira Martins, Manuel, Henrique e João Martins de Oliveira.

Após missa na capela local, foi a sepultar, no dia imediato, no Cemitério Central.

● **Com 70 anos, vitimada por trombose cerebral, faleceu, no dia 7, a sr.ª D. Rita da Costa, que morava no Cais dos Botirões.**

Mais conhecida por Rita «Faneca», dela faz justa evocação, em destacado lugar deste jornal, o nosso distinto colaborador Eduardo Cerqueira, relevando os raros merecimentos da genuína aveirense.

● **No mesmo dia, faleceu a sr.ª D. Zaira de Jesus Pereira dos Santos.**

A saudosa extinta, que contava 61 anos de idade, era filha do inesquecível Ulisses Pereira e deixou viúvo o sr. Gustavo Rodrigues dos Santos.

● **O sr. José Ricardo da Maia, mais conhecido por «Padim», faleceu no dia 10, tendo ido a sepultar, no dia imediato, no Cemitério Sul, após missa na igreja de Santo António.**

Viúvo de D. Angela Maria Barreto, o saudoso extinto, que morava na Rua de Magalhães Serrão, contava 78 anos de idade e era pai do sr. Carlos Ricardo Barreto.

As famílias em luto, os pêsames do Litoral

AGRADECIMENTO

Mariano António da Graça

A Família de MARIANO ANTÓNIO DA GRAÇA vem por este meio agradecer a todas as pessoas que tomaram parte no seu doloroso pesar e que se incorporaram no seu funeral, pedindo desculpa por qualquer falta involuntariamente cometida.

Aveiro, Novembro de 1978.

Cooperativa Militar de Aveiro

(Em liquidação)

Por motivo de liquidação determinada pelo Ministério do Exército aceitam-se propostas, até ao dia 5 de Dezembro próximo futuro, para a compra do prédio, propriedade da Cooperativa Militar de Aveiro e sua antiga sede, sito à Rua do Gravito n.os 34 e 36 nesta cidade de Aveiro.

O referido imóvel, com uma frente de 15 m e igual profundidade, compõe-se de rés-do-chão, primeiro e segundo andar. o rés-do-chão, que se entrega devoluto, é constituído por loja e armazém. Os dois outros andares por um escritório comercial e duas residências que rendem um total de 4.300$00 mensais.

As propostas, em carta lacrada e registada, deverão ser endereçadas à Comissão Liquidatária da Cooperativa Militar de Aveiro, Comando Militar de Aveiro no Batalhão de Infantaria de Aveiro e serão abertas na supracitada sede da Cooperativa no dia 9 de Dezembro, também próximo futuro, pelas 15 horas e na presença dos concorrentes e daqueles sócios que desejarem ser presentes.

Prevê-se a licitação verbal no caso de se registarem propostas máximas de igual valor. O arrematante obriga-se a depositar no acto da arrematação, 7% do preço da compra e esta Comissão Liquidatária reserva-se o direito de não aceitar qualquer das propostas que lhe sejam presentes caso toda elas sejam consideradas inadequadas.

O prédio pode ser visto todos os dias úteis, excepto sábados, de 20 a 30 do corrente mês de Novembro e das 15 às 17 horas.

Aveiro, 13 de Novembro de 1978.

A Comissão Liquidatária da Cooperativa Militar de Aveiro

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DOS ALUNOS DO LICEU DE JOSÉ ESTÊVÃO DE AVEIRO

CONVOCATÓRIA

1) Nos termos estatutários, convoco a Assembleia Geral Ordinária da APELJE para o próximo dia 29 de Novembro de 1978 pelas 21 horas, no Liceu José Estêvão de Aveiro, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Discussão e votação do relatório de actividades e contas da gerência do ano social findo;

2 — Eleição dos órgãos sociais para o ano de 1978/79

2) Se à hora indicada não estiverem presentes pelo menos 50% dos Associados, a Assembleia funcionará meia hora depois com qualquer número.

3) O período de eleição funcionará até às 22 horas e 30 minutos estando as listas à disposição dos Associados a partir das 21 horas no dia 29, no átrio do Liceu.

Aveiro, 15 de Novembro de 1978

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

a) — Henrique Teixeira Barbosa Mendonça

Símbolo de Aveiro na vida, representou Aveiro no palco

Conclusão da página 3

namento que em todo o país se organizam. E das filhas ou mulheres deles, das tricanas de elegância patrícia, de beleza helénica acaso com salpicos de genes nórdicos, que pisavam como aves ou como rainhas, envoltas no xaile, com estilística regra que superava na intenção de adorno qualquer finalidade de agasalho, e como se ostentassem um manto de soberanas, a quem ninguém que usasse uma escala de valores, válida e bem aferida, negava vassalagem.

Desse trecho da cidade anfíbia e desabafada, que era como um relicário de atributos de identificação que então abundavam e agora vão rareando: as alfaias das salinas, as redes e os remos, as «caçadeiras» e os «mercantéis» a balançar-se nos canais; as sardinhas — como alguém dizia, vestidas de azul e de luar — as enguias e as caldeiradas, de requintado apuro celestial; as cavacas e o arroz doce, a rescender discretamente a flor de laranjeira.

•

Inalteradamente, e por direito conquistado no exercício ininterrompido de um singular conjunto de predicados que constituem os específicos elementos com que se cimentam de aveirismo os aveirenses mais extremosos da sua terra, havia quem entre nós ocupasse, até agora, a função, que fica lacunarmente vaga, de magna celebrante, de apostolizadora consciencialização e viciação dessa espécie de religião laica, e doméstica, que era o aveirismo, de certo com facetas de ecumenismo, mas a este subtraído, por uma espécie de insularidade espiritual, e individualizante.

E era, feminina, a magna sacerdotiza, não apenas honorífica, não só na prática exacta, conscientemente atractiva e de suscitações participativas em todos os ritos — e não será apenas por insignificativo acaso glóssico que entre estes e o seu nome de baptismo coincide uma raiz, se não etimológica, ao menos de carácer morfológico — que esse culto implicava, mas na íntima, efectiva, vinculada adesão ao que eles continham de mera significação, profunda e congregadora.

Vestia o trajo de tricana como quem se paramenta, para um «Te-Deum» ou para qualquer solenidade da liturgia dessa cultuação. Entoava as canções de sabor local, as toadas das barcarolas, os hinos apoteóticos de exalção de Aveiro, as composições de louvor aos encantos das tricanas, como quem canta, vibrátil e vibrante, com fervor e intencional identificação, uma hossana, ou uma dolente despedida, com cadências fúnebres ou de adágio.

Tricana de Aveiro, no mais estrito significado da palavra, e no que ela teria de mais essencial e rico conteúdo, a Rita era, indisputavelmente a mais fiel e consistente de apego ao estilo impar, exterior e intrínseco das tricanas de Aveiro — que ficou sempre, mesmo quando já não havia tricanas, e, há muito, sem que pudesse dar-se por esse efeito do tempo, já ultrapassara a idade de o ser.

Perpetuamente uma das tricanas de Aveiro — «tricanas da Beira-Mar, do Alboi e do Rossio» que ainda realçamos na canção subsistente de tão bela capacidade evocativa — tricanas a que o aspérrimo polemista Homem Cristo, sempre infundido do amor de Aveiro e do seu povo, do «Povo de Aveiro» que lhe forneceu a designação para o seu famoso jornal inconfundível, qualificava, com pleno conhecimento, de lendárias — a Rita, vimo-lo, agora quando tombou, com mais nitidez do que nunca, ocupava uma posição paradigmática no exercício e na prapugnação do aveirismo.

Um dia, anda já por meia centúria de anos, na primeira das inolvidáveis revistas com que tricanas e «galitos» difundiram os costumes e tradições, os valores e os ridículos caricaturáveis e o nome de Aveiro, e lhe projectaram o prestígio, a Rita, com um hieratismo — e adoptou o termo considerando o que ele tem de afinidade religiosa tanto como de sentido de significante demonsração estética — e uma fidelidade de síntese interpretativa em que o bom humor temperava os propósitos de austero louvor da cidade, figurou Aveiro.

Ao longo de dois actos de sumariação das grandezas e pequenezas aveirenses, ostentou na indumentária cénica, o brazão de Aveiro, e com ele se identificou.

Empunhou um bastão similar aos que haviam constituído uma insígnia de patrocinador, na edilidade, dos sentimentos e interesses de escorreita legitimidade dos munícipes. E eu, hoje, passados résvés os cinco decénios, que certamente desvanecem imagens pretéritas, mas não sei se de algum modo as superlativam ou lhes conferem, afinal, as dimensões certas, vejo esse bastão emblemático como um cetro.

Tal a dignidade, ia a dizer majestade, que imprimia à figura, com que se confundiu, que esta, correntemente designada como «Princesa do Vouga», se tornava, evidente e dominadora, uma «Rainha», do Vouga e da Ria.

Vertical — vertical e não hirta, que não é o mesmo — como bastão, e como as varas dos pálios das procissões e como os mordomos, membros de uma população ao mesmo tempo independente e cordata, — atravessava o palco, falava para os espectadores, ateando, mais calorosa e cintilante, a chama de devoção ao torrão natal.

Com uma reiterada potencialidade temperamental, mau grado a idade a que sobrepunha uma força anímica inquebrantável, conservou até aos derradeiros dias da inacreditável septuagenaridade, uma permanente frescura moça, na fisionomia aberta, irradiante e ridente, e na comunicabilidade contagiante, amplexiva, de natural supremacia de dotes de aliciação, nos ambientes fraternos, em que aos demais em fraternidade, e por fraternidade, satelizava.

Com memória repassada de possibilidades de retrospectivação actualizadora, conservou inalterável e indeclinável, direi mesmo, em plenitude, os dotes — sempre na base das suas exteriorizações, mesmo quando na sua exuberância, nalgum parecer mais mesurado, exorbitasse — de expressão das genuinidades mais peculiares e caracterizadoras do sentimento localista da pátria pequena, e dos valores que lhe reconhecia e avaliava e personificava, com a generosidade, talvez amplificadora, de uma apaixonada dedicação vitalícia.

•

Aqui lhe venho, no roufenho cantochão monocórdico, destino de nuances melódicas, secundar quantos na despedida lhe cantaram, ao ritmo das nossas canções nunca envelhecidas, embaladoras como as suaves ondulações da água espelhante e salgada da Ria, que mesmo para morte pedia — requeria — pois seria a correspondência de um momento ao que lhe devíamos de exemplo de uma vida.

Aqui lhe venho, com natural saudade brotante, em que não cabe o tom pesaroso, fúnebre, trazer o preito do meu adeus, ao vê-la partir e ao guardar-lhe como um estímulo sempre renovado e inextinguível, a recordação de uma alegria desbordante, de uma comunicabilidade regorgitante e indetível, de um aveirismo — e quantas pessoas o exprimiram com tão notória eloquência? — que pode servir, àqueles a quem a memória não trai gravosamente, de lição constante.

Porque a Rita, se representou Aveiro de uma forma que se gravou na memória, e conquistou o preito reconhecido dos poucos que vamos restando desses tempos recuados, ficou e permanecerá na nossa recordação incentivante — e na daqueles a quem a comunicarmos com todas as veras da nossa sinceridade — como um farol e uma meta pura que propendamos na nossa devoção. Ficará como uma bandeira para arvorar — como um símbolo de Aveiro.

Que neste sentido de pedagógica incentivação bairrista não podemos apenas tomar as grandes figuras mais influentes e de maior evidência social, para a nossa inspiração e para colocar nas nossas aras de fiéis desta cultuação da terra que é a nossa, e mais nossa será se devotamente lhe memorarmos e celebrarmos aqueles que mais saliente e fielmente exprimiram o que ela é e o que ela vale. E a Rita, a Rita da Costa, a Rita Faneca era dessa estirpe, e, estou a senti-lo, deixou um vazio.

EDUARDO CERQUEIRA

CARTAS SEM SELO

Conclusão da página 3

será senão uma terapêutica colonialista?

Não vá calhar que me engrinaldes de poeta, de lunático, vou rematar com o que dizia sobre o turismo, há uma escassa meia dúzia de anos, um homem que de filantropo não tem nada, que é o que se chama um tecnocrata dos quatro costados. Ora ouve: — «...o dinheiro do turismo tem algo de fruto envenenado a longo prazo, porque o turismo é por essência uma actividade com o seu quê de desmoralizante e de descaracterizadora subrepticiamente incitando os povos ao artifício, pela substituição do gesto nobre da hospitalidade pelo acto mercenário da hospedagem; à despersonalização, pelo abandono dos antigos usos e costumes ao embate dos dos estranhos e todavia forçando a hipocrisia de que se mantêm, para gáudio pagante do forasteiro; ao abandono do labor concentrado e engenhoso, porque a extorsão de soldos ao viajante é compatível com uma certa mândria intelectual e impele não à difícil seriedade das profissões auteras mas ao verniz superficial e não sei se manhoso do criado e do cicerone. O turismo, a ter algum efeito no carácter de um povo, tem-no provavelmente negativo; a ter algum peso na sua evolução social, tem-na provavelmente corruptora». Se descordas, tens bom remédio: — protesta!

Com um abraço amigo do

J. ACÚRSIO

Os aveirenses não amam a sua terra...

Continuação da 1.ª página

antepassadosí como afirmam os aveirógrafos, não amam a sua terra como contam os poetas. Pelo contrário, chego a pensar que, ao cimo da Terra, poucos povos haverá que tão pouco interesse tenham demonstrado pelo legado dos seus antepassados, pelo seu passado — a sua História! E será possível amar esta terra desconhecendo aquilo que ela é, sem dúvida resultado daquilo que foi outrora?

Bem sei que este desinteresse não é, infelizmente, dos nossos dias. Já Marques Gomes, em 1899, se queixava, nestes termos: «Há mais de quarenta anos que o espírito de destruição assentou arraiais neste canto do Ocidente, cujo solo estava coberto de recordações do passado, que a mão niveladora do progresso terá ido fazer desaparecer graças à picareta reformadora, que incessantemente trabalha por derrubar essas relíquias sagradas, esses monumentos da história e da arte...».

Marques Gomes referia-se às muralhas de Aveiro, aos monumentos da história e da arte. O que hoje não diria esse aveirense de corpo inteiro!!! É que, aqui, neste cantinho do ocidente, com características regionais tão específicas, pouco está salvaguardado de quanto imprime tipicidade a toda esta vasta região de que a nossa cidade é o centro.

Na verdade, que lhe resta hoje da tradição agrícola? — Alguma casa classificada e devidamente aproveitada para alfaias, trajes, teares...?! E talvez fosse ainda possível encontrar alfaias inteiramente fabricadas de madeira, como arados, grades, ancinhos, forquilhas, maças, etc. (e que rapidamente estão a desaparecer com a introdução de técnicas mais evoluídas); o traje regional, a cozinha do camponês com o seu forno, lareira e utensílios domésticos, seus usos e costumes; mobiliário, gravuras e fotografias que documentem e complementem todas as fainas do campo; carroças e carros de bois e de cavalos, com cangas, arreios e restantes apetrechos... um mundo de riqueza cultural que os estrangeiros (normalmente mais evoluídos e sensibilizados) nos cobiçam e avidamente adquirem, quando podem.

E do mar?! Vamos esperar, passivamente, que, daqui por algumas dezenas de anos, se leia nos compêndios de História de Portugal que Aveiro foi um centro marítimo (sobretudo na pesca e sal) muito importante, com um artesanato riquíssimo, sem termos salvaguardado esse espólio (ou parte dele) para podermos testemunhar toda esta riqueza?

Por que se espera? Simples vilas, bem mais pequenas e mais pobres, mas em que os respectivos naturais amam a sua terra e a memória dos antepassados mostraram-nos já o desinteresse que reina por aqui.

Ainda em fins de Outubro, houve em Alcobaça um encontro de associações regionais para a defesa do Património Cultural. Fizeram-se representar várias dezenas de Associações existentes por todo o País. De Aveiro e seu Distrito, nem uma!

É verdade que as obras culturais não costumam trazer riqueza monetária. Mas também é certo que o dinheiro não é tudo para quem ama. Um museu sobre a vida agrícola e outro sobre o mar eram uma boa homenagem a séculos de luta e de progresso das gentes da nossa região. Será que os Aveirenses amam a sua terra?!

AMARO NEVES

A praia de S. Jacinto

Conclusão da página 3

Junta de Freguesia, aumentando-lhe assim as suas receitas para melhoramentos locais.

Mas nada disso foi cumprido. Cremos mesmo que a Junta de Freguesia continua a não receber um centavo pela extracção das areias, enquanto o entulho (verdadeiro lixo) continuou disperso pelo areal e até proliferou indiscriminadamente pelo mesmo areal; construiu-se a estrada (conhecida por estradão), não sabemos se mediante traçado fixado, mas de qualquer forma com o amontoar de entulho que depois foi espalhado e continua a sê-lo para regularização do piso ou leito, não se acautelando um conveniente reforço das bermas de modo a que estas não cedessem e desse modo o entulho se espalhasse pelo areal contíguo, conspurcando e poluindo todas as areias. E dado que tanto se apregoa sobre tudo que à ecologia cabe e a necessidade de proteger as dunas para se manter a integridade da Natureza, é de lamentar que se não veja ou se não queira ver — o que será ainda mais grave — tal como se encontra construído esse «estradão», pelo menos ao longo das referidas dunas.

Finalmente, a conclusão a que se tem de chegar, é que nenhuma das entidades presentes na reunião da Câmara, promoveu ou se interessou pela fiscalização do acordado e daí que as empresas exploradoras das areias façam daquilo tudo como que um feudo sua pertença, onde a lei é ditada por si, nada lhes interessando os direitos dos utentes da praia ou a protecção das dunas, pese embora qualquer opinião contrária do Orgão responsável, pois se a esse Orgão compete a vigilância e responsabilidade do areal, então que ordene e promova o encerramento do acesso à praia, por meio de rede bem alta de forma a impedir que aqueles que ali vivem ou nos visitam se possam deliciar nas areias e na praia de S. Jacinto, como sempre o fizeram em condições de segurança e bem-estar. Só assim se poderá conceber que mesmo no «enfiamento» da rotunda com a praia e a uns escassos metros dessa rotunda, o «estradão» apresente um piso de entulho e tenha já ali novos montes de terra amarela, barrenta, que vai espalhar no leito do mesmo «estradão» e que quando das primeiras chuvas originará a saída de lama para mais de 20 metros de distância das respectivas bermas, lama essa que atinge em certos locais 15 a 20 centímetros de altura e tornam impraticável a passagem, a pé, da rotunda para a praia. Fica deste modo conseguido o isolamento e não acesso à referida praia.

Ora, senhores responsáveis pela Comissão Municipal de Turismo de Aveiro, pela Junta Autónoma e Capitania do Porto, Câmara Municipal e Junta de Freguesia, desloquem-se ou deleguem essa deslocação em pessoa qualificada e vejam, mas com olhos de ver, o que ali se pratica e o estado em que se encontra a construção do «estradão», mas façam-no de maneira inopinada para melhor se certificarem de tudo quanto aqui fica exposto e actuem de harmonia com o direito que assiste a uma população abandonada e aos que nos visitam.

Para minimizar os atropelos verificados, imponha quem de direito aos exploradores das areias em S. Jacinto, a obrigatoriedade de construirem numa extensão de cerca de 100 metros e na frente da rotunda, o piso do estradão em brita, com bermas regularizadas, de modo a que o areal que ladeia esse estradão e na frente referida, não venha a ser mais conspurcado pela lama que as chuvas fazem sair desse piso e desta forma seja possível a passagem para a praia em qualquer época do ano. Do mesmo modo se solicita que seja imposto que a retirada de areias só poderá verificar-se a partir de 200 metros para Sul do «enfiamento» da rotunda com a praia, pois o areal é bem grande e julga-se até que a maior necessidade de retirada de areias se fará sentir junto ao molhe norte e não em frente a S. Jacinto. E estas medidas certamente não irão prejudicar os exploradores das areias, sob o ponto de vista financeiro, dado que, ao que se sabe, a exploração é rendosa e as despesas se resumem ao pagamento de uma taxa e à aquisição da maquinaria, pois a areia é gratuita!...

S. Jacinto, Nov./78

ALBANO FERREIRA SIMÕES

EDUCAÇÃO CÍVICA

Conclusão da página 3

peões, verifica-se que muitas pessoas, indiferentes ao perigo que correm e aos transtornos e prejuízos que podem causar, atravessam naqueles locais sem querer saber que, nas zonas assim protegidas, a via se destina exclusivamente à circulação dos veículos.

Mas o que mais nos espanta, é termos verificado que os infractores são por vezes pessoas idosas, e outras com crianças ao colo ou pela mão. Isto mesmo temos observado no Porto e em Lisboa. Muitos destes factos, traduzindo uma evidente falta de educação cívica, poderiam ser apontados. Ocorre-nos, por exemplo, o estacionamento de veículos automóveis em posição tal, que impedem a saída de outros que no local já estavam correctamente estacionados; outro exemplo é o das motorizadas sem silenciador e o abuso que os seus utentes fazem do acelerador destas máquinas, produzindo, sem qualquer necessidade, estridentes ruídos, que de longe ultrapassam os máximos admitidos.

Possivelmente porque os capacetes protegem também os seus ouvidos, os condutores de motorizadas que abusam desta prática, esquecem-se lamentavelmente de que os outros, não usando capacetes de protecção, são vítimas duma autêntica agressão física. Bom era que todos nos lembrassemos de que na nossa actuação do dia-a-dia, não devemos praticar actos que sejam, para terceiros, origem daqueles incómodos de que nós próprios não queremos ser vítimas.

Todo o desrespeito pela legislação — legislação temos nós! —, seja ela qual for, é uma manifestação de falta de educação cívica. Mal vai ao país onde só pela força e repressão é possível fazer respeitar as disposições legais e as normas de convivência social. Entendamo-nos: num regime democrático e onde há Liberdade, terá de haver, em contrapartida, um profundo respeito por essa Liberdade, o que equivale a dizer-se, um profundo respeito pelos direitos dos outros, ou seja, afinal, a Liberdade de todos nós, não a liberdade de cada qual fazer o que lhe apetecer, pois isso seria pura anarquia.

Temos de nos convencer de que, sem um profundo civismo, não conseguiremos diminuir o nosso atraso em relação a outros países. Assim sendo, façamos todos um profundo exame de consciência e comecemos desde já a modificar este país, modificando-nos a nós próprios.

CUNHA AMARAL

UM JULGAMENTO

Continuação da 1.ª página

dente à histórica afirmação do «obviamente, demito-o» que fez estremecer o Chave d'Ouro, o Rossio, o Terreiro do Paço e o País!

Era o facto, nunca antes visto, de um General de estrelas ganhas sem pulos de acrobata, ser levado aos ombros de mulheres e homens, velhos e novos, pelas ruas do Porto!

Era a denúncia aritmética da fraude eleitoral, tão grande como a desfaçatez dos seus artífices!

Era tudo isso a marcar a segunda fase de uma viragem de que o MUD fora a primeira que só não foi última porque então, ingenuamente, se acreditou na sinceridade e na honra de quem afirmara não poder governar-se contra a vontade persistente de um povo.

Essa campanha foi o deflagrar da bomba de ódio de que só são capazes os ditadores para quem o silêncio dos interlocutores é a única resposta do diálogo permitido. Os ditadores desse tipo — e não os há de outro — são figuras tentaculares porque nunca lhes faltam servidores para o estrangulamento de quem se lhes oponha ou possa contrariar. Foram esses tentáculos, hoje sentados, em ínfima minoria, no pretório de Santa Clara — como a Santa, irmã de São Francisco, deve crispar-se de repulsa! — que friamente executaram o friamente planeado na comodidade cínica das poltronas de São Bento.

A planura imensa, a sul da velha terra portuguesa de Olivença, foi o lugar escolhido, se não para matar, pelo menos para tentar confundir a investigação que nunca se julgou possível mas poderia acontecer.

O lugar era de caça e de caça foi, pouco depois, para os crentes de Santo Huberto situados em posições cimeiras da governação ibérica, com quem se contava para entretecer sebes de sigilo e ocultação, propícias à inocência aparente dos assassinos materiais e morais.

E tudo se negou oficialmente com o descaramento e a sem-vergonha dos ditadores. E ia-se mais longe: atiravam-se as responsabilidades do acto mierável para cima de quem, com Delgado, procurara, inda que por vias diferentes, obter a libertação do povo e da terra de Portugal.

É horrível pensar-se no custo da capacidade de resistência do povo português à mentira cínica que o entonteceu durante tantos anos.

Hoje ninguém de boa-fé tem dúvidas sobre o grau de culpabilidade no crime e de perversão na capa de silêncio que o pretendeu cobrir e de que foram e são ainda portadores os homens (?) que cercavam, então, o ditador.

O cemitério humilde de Villa Nueva del Fresno albergou, até à queda das ditaduras ibéricas, os restos de Humberto Delgado que escaparam à cal, ao ácido sulfúrico e aos dentes dos cães de raça vária que o quiseram destruir.

Estão em Portugal, agora, esses restos, para que, mais de perto, essa presença passiva mas simbólica possa iluminar o local e aqueles onde e por quem, formalmente, se fará ou procurará fazer justiça.

E se digo formalmente não é porque receie carregar sobre os ombros, habituados durante décadas ao peso da toga, a responsabilidade da afirmação, mas porque este julgamento, inda que dele resulte a punição de quem se provar ter morto ou contribuído para a morte de Humberto Delgado, não é nada nem representa mais que o outro, aquele em que foi Juiz um povo que condenou o regime assassino que, para sobreviver, matou, mentiu e amordaçou quantos se lhe opuseram.

Neste julgamento que todo o povo consciente fez e faz, em cada dia, não há recursos e nele não moram os expedientes mais ou menos habilidosos que já se mostraram ou adivinham. A sentença foi e é dada, em cada dia, e envolve, para além da condenação de um regime como corpo inteiro ou associação de malfeitores, a repulsa pela mentira oficializada das notas cínicas dos seus órgãos.

E basta para que se assuma, em relação à campanha, ao assassinato e ao julgamento a posição livre, ainda hoje possível, nesta terra de Aveiro a quem Humberto Delgado deu a honra de uma histórica visita que proximamente se tentará recordar e dar a conhecer aos que a esqueceram ou dela não houveram notícia verdadeira.

COSTA E MELO

DESPORTOS

Continuação da última página

Aos Beiramarenses

verificava (com alguns defeitos) a nível da Secção de Futebol da Associação Académica de Coimbra.

Depois desta breve nota explicativa, deixemos a Académica e o Académico de Coimbra em paz e regressemos a Aveiro para falar do Beira-Mar e do seu futebol.

Como amante do futebol e como colaborador da Imprensa, raramente deixo de assistir aos jogos que a equipa principal do Beira-Mar realiza em Aveiro, jogos que aprecio com a cabeça fria, desapaixonadamente e com o mais perfeito espírito desportivo.

Tendo por base os encontros que o Beira-Mar já efectuou no Estádio de Mário Duarte e jogando com os conhecimentos que possuo quanto ao valor das equipas (talvez umas oito) do mesmo campeonato em que os aveirenses estão seriamente empenhados (o campeonato dos que lutam contra a despromoção), penso que, com os jogadores de que o ex-famoso internacional Fernando Cabrita dispõe, é possível ao (eterno) «sobe e desce» Beira-Mar manter-se junto dos «grandes», correspondendo assim às legítimas aspirações dos seus muitos adeptos, mas menos numerosos associados.

A cidade de Aveiro sem um representante na I Divisão é um contrasenso — tanto mais contrasenso se pensarmos no caso de outros Clubes de outras regiões menos prósperas do que a de Aveiro que conseguem "aguentar-se nas canetas» sem estarem todos os anos, até à derradeira jornada do campeonato, a pregar sustos e a criar permanente mal-estar aos seus adeptos e associados.

Mas, por que razão acontece isto com o Beira-Mar? — perguntar-se-á. Francamente, não sei responder, com a consciência que se impõe, à questão posta.

Julgo é que, se os dirigentes acompanharem bem de perto a vida do Clube e os múltiplos problemas da sua secção de futebol, se o treinador conseguir «enquadrar os jogadores num sistema elástico, moderno, fluente e mais objectivo», se os jogadores se mostrarem, em todos os momentos, humildes e bem determinados, e se, finalmente, os adeptos que assistem aos jogos, em vez de assobiarem os jogadores, apuparem o técnico e criticarem duramente os dirigentes, optarem por apoiar, com entusiasmo, a equipa em todas as circunstâncias (e não apenas quando os jogadores entram em campo ou quando os Sousas, os Garcês, os Germanos, os outros colegas marcam golos), há hipóteses de, numa perfeita unidade, num verdadeiro colectivismo, «formando um só corpo e uma só alma», «o Beiramarzinho» se safar da situação ingrata em que se encontra, saindo do buraco onde caiu.

A excelente vitória obtida no campo do Famalicão constitui um forte indício da desejada recuperação do Beira-Mar rumo ao reino da tranquilidade.

Segue-se, no próximo domingo, o jogo, em casa, contra o valoroso Vitória de Setúbal, uma equipa que, tradicionalmente, (atenção, pois) consegue obter resultados positivos em Aveiro.

O Beira-Mar precisa de dois pontos como de pão para a boca. A vitória será difícil, mas se o «onze» jogar com a mesma humildade e determinação com que jogou contra o Belenenses e Famalicão, fora de casa, e contra o candidato ao título, o Sporting, no encontro disputado no Estádio de Mário Duarte, penso que, desta vez, o Vitória de Setúbal não manterá a tradição.

Aguardemos até às 17 horas do próximo domingo. Não há outro remédio...

LÚCIO LEMOS

CARLOS TORRES
«VOLANTE» EM FOCO

Continuação da última página

corridas de automóveis a partir da «Volta a Portugal» de 1974. Formando equipa, desde o corrente ano, com Pedro de Almeida, teve o momento mais alto de toda a sua carreira no «Rallye de Quebeque», já que competiu (e venceu ...) com diversos nomes sonantes do automobilismo mundial.

Um valor, sem dúvida, do Desporto Aveirense e do Desporto Nacional — um «volante» em foco, designadamente depois da vitória derradeira, no «Rallye do Algarve» — Carlos Torres tem vindo a ser contactado para passar a ser corredor de marcas. Hipótese tentadora, sem dúvida, mas que o consagrado automobilista, por certo, não deverá aceitar por enquanto, já que a sua actividade de industrial e comerciante o impede de entrar directamente no profissional. Mas hipótese que continuará em aberto, forçando Carlos Torres a profunda meditação antes de futura e decisiva resposta aos aliciantes convites que já recebeu e a outros que, porventura, e com toda a certeza, lhe irão ser endereçados ...

«Volante» em foco, Carlos Torres, campeão nacional, é figura que justamente ascendeu ao podium a que já subiram, em anos transactos, outros automobilistas aveirenses — de que lembramos, ao correr da pena, o saudoso Francisco Corte-Real Pereira, António Peixinho, João Resende dos Santos e António Augusto Martins Pereira.

DESPÔRTOS

Continuações da última página

ANDEBOL de SETE

Classificação

Amoníaco, 3 jogos — 9 pontos. Aprocred e Albergaria, 3 — 7. Sanjoanense, 2 — 6. Aguada de Baixo, 4 — 6. Válega, 3 — 5. Monte, 4 — 4.

Próxima jornada

Monte - Válega
Sanjoanense - Aguada de Baixo
Albergaria - Amoníaco

SENIORES — FEMININOS

Resultados da 2.ª jornada

Aprocred - Oleiros	14-3
S. Bernardo - Beira-Mar	1-12

Classificação

Beira-Mar e Aprocred, 6 pontos.
S. Bernardo e Oleiros, 2 pontos.

Próxima jornada

Beira-Mar - Aprocred
Oleiros - S. Bernardo

Xadrez de Notícias

Precedendo a realização dos Campeonatos Distritais das respectivas categorias, a iniciar em 9 de Dezembro (juvenis) e em 6 de Janeiro (juniores), a Associação de Desportos de Aveiro organizou Torneios de Abertura, em andebol de sete, dotados com a «Taça Eng.º António Valentim Barbas Carretas» (juniores) e a «Taça António Gonçalves Leitão» (juvenis).

Para a concentração geral que decorrerá em Lisboa, de 24 de Novembro a 3 de Dezembro, dentro do programa de escolha e preparação da Selecção Nacional de Seniores que tomará parte no Campeonato Europeu de 1979 (a realizar na Turquia, de 11 a 14 de Abril), a Federação Portuguesa de Basquetebol convocou o atleta Carlos Alberto Santiago Gomes, do Sangalhos.

A Comissão Distrital de Árbitros de Andebol vai realizar, nos dias 8, 9 e 10 de Dezembro, um Curso de Árbitros Estagiários — para o qual as inscrições encerram hoje, 17 de Novembro.

Como preparação para o mencionado curso, haverá diversas aulas teóricas (nos dias 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29 e 30 deste mês, das 21.30 às 23 horas) — a realizar, respectivamente, na sede dos «Bombeiros Velhos» e num pavilhão ou ginásio a indicar oportunamente.

FUTEBOL

AVEIRO NOS NACIONAIS

bra. Covilhã, Torriense e Marinhense, 6. ALBA e Caldas, 5.

Próxima jornada

(jogos das equipas aveirenses)

Aliados - LUSITANIA
ESPINHO - Tadim
Marinhense - RECREIO
Peniche - FEIRENSE
LAMAS - Caldas
OLIV. DO BAIRRO - Torriense
ALBA - Estrela

III DIVISÃO

Resultados da 8.ª jornada

SÉRIE «B»

Freamunde - Amarante	1-4
Valonguense - Lamego	1-1
Avintes - Leça	2-0
Infesta - SANJOANENSE	1-0
BUSTELO - Vilanovense	1-2
PAÇOS BRANDÃO - Leverense	1-0
OLIVEIRENSE - AVANCA	0-0
Régua - VALECAMBRENSE	4-0

SÉRIE «C»

Vilanovenses - Vildemoinhos	3-1
Molelos - Acurede	1-1
ANADIA - Quiaios	3-1
Alcains - Febres	4-0
Naval - Mangualde	2-1
Ançã - Viseu Benfica	1-1
Tocha - Tondela	3-1
Guarda - Gouveia	3-0

Classificações

SÉRIE «B» — Amarante, 13 pontos. Infesta, 12. OLIVEIRENSE e AVANCA, 11. Lamego, 10. SANJOANENSE, 9. Avintes, Leça, PAÇOS DE BRANDÃO e Valonguense, 8. Freamunde, Leverense, Régua e Vilanovense, 6. VALECAMBRENSE, 5. BUSTELO, 1.

SÉRIE «C» — Viseu e Benfica, 13 pontos. Naval 1.º de Maio e Mangualde, 11. Guarda, 10. Quiaios, Lusitano de Vildemoinhos e Ançã, 9. Vilanovenses e Acurede, 8. ANADIA e Gouveia, 7. Tocha, Tondela e Alcains, 6. Molelos e Febres, 5.

Próxima jornada

(jogos das equipas aveirenses)

SANJOANENSE - BUSTELO
Vilanovense - PAÇOS DE BRANDÃO
Leverense - OLIVEIRENSE
AVANCA - Régua
Amarante - VALECAMBRENSE
Acurede - ANADIA

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 14 DO «TOTOBOLA»

26 de Novembro de 1978

1 — Leixões - Penafiel	1
2 — Gil Vicente - Salgueiros	X
3 — Lourosa - Chaves	1
4 — Fafe - Espinho	X
5 — Covilhã - Marinhense	1
6 — Caldas - Peniche	1
7 — Torriense - U. Lamas	2
8 — E. Portalegre - U. Tomar	1
9 — Farense - C.U.F.	1
10 — O Elvas - Nacional	1
11 — Montijo - Atlético	1
12 — Odivelas - Juventude	2
13 — Portimonense - Olhanense	1

Sumário Distrital

Cesarense - Ovarense
Cucujães - Luso
S. Roque - Esmoriz
Estarreja - Milheiroense

II DIVISÃO

Resultados da 3.ª jornada

ZONA A — NORTE

Paradela - Romariz	4-5
Lobão - Vila Viçosa	3-4
Fajões - Alvarenga	1-1
Arouca - Carregosense	1-1
Pigeirós - Relâmpago	6-1
Mosteirô - Sanguedo	(a)
Tarei - Pessegueirense	0-2

(a) — Não conseguimos apurar

ZONA B — CENTRO

Gafanha - Valonguense	0-2
Quintãs - Bom-Sucesso	2-7
Eixense - Eirolense	3-0
Vista-Alegre - Barrô	0-0
Beira-Vouga - Fermentelos	1-3
Macinhatense - Oliveirinha	6-0
Pinheirense - Carmo	6-1

ZONA C — SUL

Pedralva - S. Lourenço	1-2
Bustos - Fogueira	6-2
Aguinense - Sôsense	2-2
Troviscalense - Amoreirense	0-3
Samel - Barcouço	2-0
Poutena - Mamarrosa	2-1
Antes - Vilarinho	0-1

Classificações

Zona A — Norte — Fajões, 8 pontos. Romariz, Arouca, Alvarenga, Carregosense e Pessegueirense, 7. Lobão, Pigeiros e Relâmpago, 6. Paradela e Tarei, 5. Sanguedo, 4. Vila Viçosa, 3. Mosteiró, 2.

Zona B — Centro — Valonguense e Fermentelos, 9 pontos. Pinheirense, 8. Barrô, 7. Gafanha, Eixense, Vista-Alegre, Bom-Sucesso e Macinhatense, 6. Beira-Vouga e Eirolense, 5. Carmo e Oliveirinha, 4. Quintãs, 3.

Zona C — Sul — Poutena, 9 pontos. Vilarinho, 8. Bustos, Aguinense e Samel, 7. Pedralva, Troviscalense, Sôsense, Amoreirense e Antes, 6. S. Lourenço, 5. Fogueira e Mamarrosa. 4. Barcouço, 3.

Próxima jornada (domingo)

ZONA A — NORTE

Romariz - Tarei
Vila Viçosa - Paradela
Alvarenga - Lobão
Carregosense - Fajões
Relâmpago - Arouca
Sanguedo - Pigeirós
Pessegueirense -Mosteiró

ZONA B — CENTRO

Valonguense - Pinheirense
Bom-Sucesso - Gafanha
Eirolense - Quintãs
Barrô - Eixense
Fermentelos - Vista-Alegre
Oliveirinha - Beira-Vouga
Carmo - Macinhatense

ZONA C— SUL

S. Lourenço - Antes
Fogueira - Pedralva
Sôsense - Bustos
Amoreirense - Aguinense
Barcouço - Troviscalense
Mamarrosa - Samel
Vilarinho - Poutena

JUNIORES — I DIVISÃO

Resultados da 2.ª jornada

Arrifanense - Sanjoanense	0-2
Valecambrense - Feirense	adiado
Ovarense - Anadia	0-0
Beira-Mar - Recreio	2-0
Avanca - Oliveira do Bairro	0-1
Lamas - Gafanha	4-2

Classificação — Beira-Mar, 6 pontos. Anadia, Sanjoanense e Lamas, 5. Avanca, Recreio de Águeda e Oliveira do Bairro, 4. Feirense e Ovarense, 3. Arrifanense e Gafanha, 2. Valecambrense, 1.

As turmas do Valecambrense e do Feirense têm menos um jogo.

Próxima jornada (sábado)

Arrifanense - Valecambrense
Feirense - Ovarense
Anadia - Beira-Mar
Recreio - Avanca
Oliveira do Bairro - Lamas
Sanjoanense - Gafanha

JUNIORES — II DIVISÃO

Está marcado, para a tarde de amanhã, sábado, o início deste campeonato aveirense, com os seguintes encontros na ronda inaugural:

ZONA A

Cortegaça - Esmoriz
Sanguedo - Paços de Brandão
Fiães - Lobão
S. João de Ver - Romariz

ZONA B

Bustelo - Pinheirense
Alba - Cesarense
Carregosense - Pessegueirense
S. Roque - Estarreja

ZONA C

Mealhada - Luso
Pampilhosa - Fermentelos
Mamarrosa - Bustos
Valonguense - Poutena

JUVENIS — I DIVISÃO

Resultados da 6.ª jornada

Ovarense - Valecambrense	1-0
Anadia - Espinho	4-0
Sanjoanense - Lusitânia	1-0
Feirense - Nogueirense	5-0
Paços de Brandão - Arrifanense	2-1
Estarreja - Cucujães	2-0

Classificação — Ovarense, Paços de Brandão e Sanjoanense, 16 pontos. Anadia, 15. Feirense. 14. Lusitânia, 12. Arrifanense e Valecambrense, 11. Espinho, 10. Nogueirense, 9. Estarreja, 8. Cucujães, 6.

Próximo jornada (domingo)

Ovarense - Anadia
Espinho - Sanjoanense
Lusitânia - Feirense
Nogueirense - Paços de Brandão
Arrifanense - Estarreja
Valecambrense - Cucujães

Basquetebol

JUNIORES — FEMININOS

Resultado da 6.ª jornada

ESGUEIRA - SANGALHOS . . V.-D.

Classificação

	J	V	D	Bolas	P
Esgueira	4	4	0	140-78	12
Galitos	3	1	2	86-130	5
Sangalhos (a)	3	0	3	63-71	2

(a) — Averbou uma falta de comparência

Próxima jornada — sábado, à tarde

SANGALHOS - GALITOS

JUVENIS

Resultados da 8.ª jornada

SÉRIE A

ILLIABUM - A.R.C.A.	109-37
SANJOANENSE - OVARENSE	86-25

SÉRIE B

SANGALHOS - BEIRA-MAR	76-77
GALITOS-B - ESGUEIRA	73-76

Classificações

SÉRIE A

	J	V	D	Bolas	P
Illiabum-A	7	7	0	524-232	21
Galitos-A	6	5	1	439-199	16
Sanjoanense	6	3	3	305-327	12
A.R.C.A.	6	1	5	229-366	8
Ovarense	7	0	7	157-510	7

SÉRIE B

	J	V	D	Bolas	P
Sangalhos	7	6	1	674-346	19
Beira-Mar	6	5	1	553-220	16
Esgueira	7	4	3	477-402	15
Galitos-B	6	1	5	272-540	8
Illiabum-B	6	0	6	145-613	6

Próxima jornada — domingo, de manhã

GALITOS-A - ILLIABUM-A
A.R.C.A. - SANJOANENSE
ILLIABUM-B - SANGALHOS
BEIRA-MAR - GALITOS-B

BEIRA-MAR — VITÓRIA DE SETÚBAL

NO REATAMENTO DO «NACIONAL» DA I DIVISÃO

permitir a preparação da turma de Portugal, empenhada no Campeonato da Europa).

Depois de amanhã, o programa geral, com jogos às 15 horas (excepto o desafio que será transmitido pela TV, em directo, e terá início às 18.30 horas, entre o Belenenses e o Varzim) está assim estabelecido:

BEIRA-MAR - Vitória de Setúbal, Académico de Viseu - Famalicão, Barreirense - Estoril, Porto - Vitória de Guimarães, Benfica - - Sporting, Braga - Boavista, Belenenses - Varzim e Marítimo - Académico de Coimbra.

Jornada grande, em que o «derby» lisboeta concita as atenções gerais, mas jornada recheada de outros prélios, todos eles de muito interesse, designadamente, para nós, para os aveirenses, o encontro do Estádio de Mário Duarte, onde o Beira-Mar recebe a visita do Vitória de Setúbal.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Far-se saber que pela 1.ª Secção de Processos do 2.º Juízo, na Execução de Sentença n.º 70/B/76, que a Agência Comercial Ria, Lda., com sede nesta cidade, move contra os executados Armando Andias de Matos e mulher ROSA MARIA ALMEIDA FERREIRA, ele comerciante e residente na Rua Clube dos Galitos n.º 25, nesta cidade e ela ausente em parte incerta e com última morada conhecida na Rua atrás indicada, correm éditos de 30 dias, *citando a executada mulher* para, no prazo de 5 dias posterior ao dos éditos, que se contará da data da 2.ª e última publicação dete anúncio, deduzir oposição, pagar à exequente a quantia de 33.499$40 e juros de mora à taxa de 5% desde 10.7.976, ou nomear bens à penhora, sob pena de, não o fazendo, se devolver à exequente o direito de tal nomeação.

Aveiro, 6 de Outubro de 1978.

O Juiz de Direito,

a) — *José Alexandre de Lucena Vilhegas do Vale*

O escrivão auxiliar,

a) — *Luís Xavier de Sousa*

LITORAL - Aveiro, 17/11/78 — N.º 1224

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz-se saber que, pela Segunda Secção do Primeiro Juízo desta Comarca, e nos autos de Execução de Sentença que o Banco da Agricultura, com sede em Lisboa, move contra os executados NELSON DOMINGUES BATISTA e mulher MARIA DE LURDES MARINHO BATISTA, da Ilha do Canastro, Aveiro, correm éditos de vinte dias, contados da segunda publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados para, dentro daquele prazo, reclamarem na execução, os seus direitos de crédito e que tenham garantia real sobre os bens penhorados.

Aveiro, 27 de Outubro de 1978.

O Juiz de Direito,

a) — *Francisco Silva Pereira*

O Escrivão de Direito,

a) — *António Miller Soares Ribeiro*

LITORAL - Aveiro, 17/11/78 — N.º 1224

TELEFONES MAIS ÚTEIS DE AVEIRO

BOMBEIROS VELHOS	22122
BOMBEIROS NOVOS	22333
P. S. P.	22022
HOSPITAL DA MISERICÓRDIA	22133 / 22134 / 25006 / 25007
CASA DE SAÚDE DA VERA-CRUZ	22011
POSTO DE ENFERMAGEM PERMANENTE	27571
AUTOMÓVEL CLUBE DE PORTUGAL	22571
CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES	24485
C. T. T.	23151
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS	23056
TAXIS — PR. MARQUÊS DE POMBAL	24575
— ESTAÇÃO	22943
— PONTES	23766

CARLOS TORRES, «VOLANTE» EM FOCO

CAMPEÃO NACIONAL DE RALLIES

ESTEVE À BEIRA DO TÍTULO DA EUROPA

Tripulando um «Ford-Escort» — RS 2000 e alcançando espectacular triunfo no recente «Rallye do Algarve», a dupla constituída pelo piloto Carlos Torres e pelo navegador Pedro de Almeida (foto-montagem da gravura abaixo) assegurou a conquista do título nacional nesta modalidade do apaixonante desporto automóvel.

Na gravura, ao lado, o categorizado «volante» aveirense — Carlos Torres, com 31 anos de idade, é natural do Distrito de Aveiro, tendo nascido em Albergaria-a-Nova, do concelho de Albergaria-a-Velha —, conduzindo um «Mazda RX 3», surge-nos num voo deveras impressionante, numa das primeiras corridas desta temporada — um voo como que a augurar a sensacional série de triunfos conquistados, ao longo da época, tanto dentro do País, como em corridas a nível internacional. Os louros das vitórias, nesta época de ouro, pertenceram — coroando inegáveis méritos e valor sobejamente comprovado — aos novos campeões nacionais, em larga percentagem.

De facto, o «palmarés» de Carlos Torres / Pedro de Almeida é invejável, impressionante: carburando em pleno, denotando perfeito entendimento, piloto/navegador («driver»/co--«driver») somaram êxitos sucessivos, nos vários rallies em que participaram. Merece, porém, especial destaque o triunfo que obtiveram no Grupo I do «Rallye de Portugal», no Rallye da Acrópole» (na Grécia), no «Rallye de Quebeque» (no Canadá) e no «R.A.C.E.» (na Espanha) — competições que, além de pontuarem para o Campeonato Nacional de Rallies, contavam, igualmente, para o Campeonato da Europa e para o Campeonato do Mundo.

Considerando, agora, as notáveis «perfomances» conseguidas por Carlos Torres / Pedro de Almeida, bem poderá dizer-se que a dupla campeã nacional esteve à beira de conquistar o título europeu (o que, em boa verdade, esta época não teria sido viável, pois não efectuara previamente a necessária inscrição no campeonato).

Participante entusiasta em diversas provas de perícia, Carlos Torres, entrou a sério nas

Continua na página 7

AOS BEIRAMARENSES

Apontamento do

DR. LÚCIO LEMOS

TODAS as pessoas que me conhecem sob o ponto de vista clubístico sabem que, apesar de ter sido treinador das equipas de basquetebol e colaborador do jornal privativo do Clube, na época de 1960/ /61 (lembra-se Joaquim Moreira?), jamais fui adepto do Sport Clube Beira-Mar.

Isto não invalida que diga que tenho (e é verdade) o maior respeito pelo passado glorioso do Beira--Mar e que, além disso, sempre que se justifica, não deixo (e ficaria de mal com a minha consciência se o não fizesse) de apoiar e estimular as actividades ou iniciativas do prestigioso e popular clube desde que, é evidente, essas actividades ou iniciativas se traduzam em reais benefícios para o Desporto e mais marcadamente para os seus praticantes.

O meu único e grande Amor de sempre (quem o ignora?) foi a «briosa» Associação Académica de Coimbra, mas a dos bons velhos e saudosos tempos, uma Associação Académica considerada no seu ecletismo como uma agremiação cultural (orfeon, tuna, teatro, etc.), desportiva (futebol, basquetebol, natação, atletismo, andebol, hóquei em patins, voleibol, etc.) e de recreio (participação nos festejos da «Queima das Fitas», «latadas», serenatas, etc.).

Grande parte desse Amor foi posteriormente «transplantado», por razões de todos conhecidas, para o jovem Clube Académico da cidade onde nasci — «herdeiro legal da ex--Secção de Futebol da Associação Académica de Coimbra» — e foi-o na medida em que o Clube Académico de Coimbra se propunha e garantia, através dos seus estatutos, a cntinuidade de promoção social dos seus esudantes-futebolistas, o exemplo do que anteriormente se

Continua na página 7

FUTEBOL

BEIRA-MAR — VITÓRIA DE SETÚBAL

NO REATAMENTO DO «NACIONAL» DA I DIVISÃO

O campeonato Nacional da I Divisão vai ter, no domingo, um fugaz reatamento — para se disputar a décima jornada da prova, interrompida na semana transacta e, de novo, suspensa no subsequente fim-de-semana (tudo dentro do calendário federativo, para

Continua na página 8

AVEIRO nos NACIONAIS

II DIVISÃO

Resultados da 8.ª jornada

ZONA NORTE

Salgueiros - Penafiel	2-1
Leixões - Aves	5-0
Gil Vicente - Chaves	2-0
Paredes - Aliados	0-0
LUSITANIA - ESPINHO	1-1
Tadim - Rio Ave	0-1
Fafe - Vianense	1-0
Riopele - Paços de Ferreira	4-0

ZONA CENTRO

Portalegrense - ALBA	3-0
U. Coimbra - Marinhense	2-1
RECREIO - U. Santarém	2-2
Covilhã - Peniche	2-0
FEIRENSE - LAMAS	2-3
Caldas - OLIVEIRA DO BAIRRO	0-2
Torriense - U. Tomar	1-1
U. Leiria - Estrela	0-0

Classificações

ZONA NORTE — Penafiel, 12 pontos. Riopele, Rio Ave e ESPINHO, 11. Salgueiros, 10. Fafe e Paços de Ferreira, 9. LUSITANIA, 8. Gil Vicente, Vianense e Paredes, 7. Leixões, Chaves e Aliados, 6. Aves, 4. Tadim, 2.

ZONA CENTRO — LAMAS, 14 pontos. União de Leiria, 13. FEIRENSE, Peniche, União de Santarém, Estrela de Portalegre e OLIVEIRA DO BAIRRO, 9. RECREIO DE AGUEDA, 8. Portalegrense e União de Tomar, 7. União de Coim-

Continua na página 8

CAMPEONATOS DE AVEIRO

SENIORES — MASCULINOS

Resultados da 3.ª jornada

Aprocred - Amoníaco	4-28
Albergaria - Sanjoanense	18-24
Monte - Aguada de Baixo	12-15

Resultados da 4.ª jornada

Aguada de Baixo - Albergaria	16-26
Válega - Aprocred	7-8
Amoníaco - Monte	33-12

Continua na página 8

XADREZ DE NOTÍCIAS

Amanhã, sábado, pelas 17.30 horas, no Pavilhão Gimnodesportivo desta cidade, defrontam-se as selecções de Aveiro e de Braga, em andebol de sete (equipas femininas de jogadoras até aos 18 anos), dentro de um plano elaborado pela Comissão Técnica da Federação de Andebol (incluindo igualmente um jogo Lisboa - Leiria) — para se seleccionarem atletas que, de 1 a 3 de Dezembro, vão participar, em Coimbra, num estágio técnico-pedagógico.

A turma aveirense — composta por elementos do Beira-Mar, Aprocred, S. Bernardo e Oleiros — é orientada pelo coordenador Ulisses Manuel Brandão Pereira (S. Bernardo) e pela treinadora de campo Amélia Figueiredo Dias (Beira-Mar).

Nos treinos da Selecção Nacional de Cadetes, em basquetebol, que começaram esta semana, em Coimbra, tomaram parte os jovens João Carlos Moreira (Beira-Mar), Paulo Jorge (Illiabum), Luís e Herculano Marques (Sangalhos).

A Associação de Desportos de Aveiro interditou por dois jogos oficiais o Pavilhão de S. João da Madeira, multou a Sanjoanense em três mil escudos e suspendeu por sessenta dias (reduzidos a trinta) o treinador Dr. António Ferreira dos Santos Pinto — em consequência dos incidentes ocorridos durante o jogo Sanjoanense - Ovarense, do Campeonato Distrital de Seniores.

Continua na página 8

SUMÁRIO DISTRITAL

I DIVISÃO

Resultados da 4.ª jornada

Arrifanense - Estarreja	1-1
Fiães - Cortegaça	0-1
S. João de Ver - Pampilhosa	3-0
Nogueirense - Mealhada	2-0
Paivense - Cesarense	1-0
Ovarense - Cucujães	1-0
Luso - S. Roque	2-1
Esmoriz - Milheiroense	3-0

Classificação — Cortegaça, 11 pontos. Cesarense, Esmoriz, Ovarense e Luso, 10. S. João de Ver e Paivense, 9. Nogueirense e Estarreja, 8. Pampilhosa, Arrifanense e Cucujães, 7. Mealhada e Milheiroense, 6. Fiães e S. Roque, 5.

Próxima jornada (domingo)

Arrifanense - Fiães
Cortegaça - S. João de Ver
Pampilhosa - Nogueirense
Mealhada - Paivense

Continua na página 8

CAMPEONATOS DE AVEIRO

SENIORES

Resultados da 8.ª jornada

OVARENSE - BEIRA-MAR	110-44
ESGUEIRA - GALITOS	55-62
SANGALHOS - SANJOANENSE	78-48

Classificação

	J	V	D	Bolas	P
Sangalhos	7	7	0	530-360	21
Ovarense	8	6	2	597-476	20
Sanjoanense	7	4	3	401-396	15
Galitos	7	4	3	441-397	15
Esgueira	8	1	7	432-541	10
Beira-Mar	7	0	7	316-567	7

Próxima jornada — sábado, à noite

SANGALHOS - OVARENSE
SANJOANENSE - GALITOS
BEIRA-MAR - ESGUEIRA

Equipas e marcadores

OVARENSE (110) — Azevedo (24--15), Esteves (0-2), Gaspar (4-4), Gomes (2-2), Rodrigues (4-0), Sing (16--25), Miranda (0-2), Saramago (0-6), Luís e Fula (0-2).

BEIRA-MAR (44) — Albano (0-2), Carvalho, Gamelas (5-4), Sarmento (4-8), Nelson (0-4), Tó-Melo (4-11), Luís Melo (0-2) e Armindo.

Arbitros — José Simões e Ricardo Almeida.

1.ª parte: 50-13. 2.ª parte. 60-31.

ESGUEIRA (55) — Valente (6-2), Costa (3-8), Isidro (10-2), Vitor Melo (2-4), João Jaime (14-0), José Angelo (0-2), Castro (0-2) e Tavares.

GALITOS (62) — Esgueirão (4-6), Meno (2-7), Jorge Guerra (7-2), Peixinho (6-8), Madureira (12-6), Luís Miguel (0-2) e Amílcar.

Arbitros — Carlos Amaral e António Rosa Novo.

1.ª parte: 35-31. 2.ª parte: 20-31.

SANGALHOS (78) — Lobo (8-6), Nelson (4-4), Raul (12-8), Jeremim (12-2), José Manuel, Araújo (2-0), Santiago (2-14), Eugénio (0-4), Quim e Cancela.

SANJOANENSE (48) — Margalho (2-4), Aguiar (2-2), Pereira (2-4), Santos (7-0), Cassiano (3-14), Ferraz (2-2), Ilídio (0-4), Amadeu e Ribeiro.

Arbitros — Manuel Bastos e Raul Gonçalves.

1.ª parte: 40-18. 2.ª parte: 38-30.

JUNIORES — MASCULINOS

Resultados da 3.ª jornada

ESGUEIRA - GALITOS	52-81
A.R.C.A. - BEIRA-MAR	87-50

Classificação

	J	V	D	Bolas	P
Galitos	3	2	1	198-169	7
Sangalhos	2	2	0	156-79	6
A.R.C.A.	3	1	2	191-174	5
Beira-Mar	2	1	1	113-132	4
Esgueira	2	0	2	81-185	2

Próxima jornada — sábado, à tarde

GALITOS - SANGALHOS
BEIRA-MAR - ESGUEIRA

Continua na página 8